
Medievalismo en Extremadura

Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas
de la Edad Media

Jesús Cañas Murillo
Fco. Javier Grande Quejigo
José Roso Díaz (Eds.)

Medievalismo en Extremadura
Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas
de la Edad Media



Cáceres
2009

MEDIEVALISMO en Extremadura : Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas de la Edad Media / Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo, José Roso Díaz (Eds.). — Cáceres : Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, 2009

XXII, 1310 pp. ; 17 × 24 cm.

ISBN 978-84-7723-879-9

1. Literatura medieval-historia y crítica. I. Cañas Murillo, Jesús (Ed.). II. Grande Quejigo, Javier (Ed.). III. Roso Díaz, José (Ed.). IV. Título. V. Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, ed.

82.09"04/15"

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra sólo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, www.cedro.org) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.



© Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo y José Roso Díaz, de la edición, 2009

© De los autores, 2009

© Universidad de Extremadura-Grupo "Barrantes Moñino", para esta 1.^a edición, 2009

Ilustraciones de cubierta: miniaturas de cancioneros del siglo XIII (Biblioteca Vaticana y Biblioteca Nacional de Francia) recogidas en el libro de Martín de Riquer, *Vidas y retratos de trovadores. Textos y miniaturas del siglo XIII*. Barcelona, Círculo de Lectores-Galaxia Gutenberg, 1995.

Edita:

Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones

Plaza de Caldereros, 2. 10071 Cáceres (España)

Tel. (927) 257 041; Fax (927) 257 046

E-mail: publicac@unex.es

<http://www.unex.es/publicaciones>

I.S.B.N.: 978-84-7723-879-9

Depósito Legal: M-52.674-2009

Impreso en España - *Printed in Spain*

Impresión: Dosgraphic, s. l.

PARA UMA LEITURA DA PARTE PRIMEIRA DA TRADUÇÃO PORTUGUESA DA *VITA CHRISTI* DE LUDOLFO, O CARTUXANO

Elsa Branco da Silva
Universidade de Coimbra

1. INTRODUÇÃO

É consabido que desde a primeira edição, saída dos prelos de Valentim de Morávia e de Nicolau de Sáxonia, em 1495, a tradução portuguesa da *Vita Christi* tem permanecido praticamente esquecida¹. Nem mesmo a comemoração do quinto centenário de tão notável acontecimento, realizada há pouco mais de uma década, trouxe à lembrança a necessidade de planificar uma edição crítica da versão lusa deste importante monumento da espiritualidade europeia, de modo a torná-la mais acessível à leitura de potenciais interessados.

Escusado será, portanto, referir quanto imperioso se torna levar a efeito o estabelecimento crítico da *Vita Christi* portuguesa, mesmo que, devido à dimensão do tratado, por etapas diversas.

2. EDIÇÃO CRÍTICA DE AUGUSTO MAGNE

Quando afirmámos que a tradução portuguesa da *Vita* tem permanecido esquecida, acrescentámos ‘praticamente’, pois seria injusto não salientar o importante trabalho de edição iniciado, em meados do século passado, por Augusto Magne². Contudo, pese embora o seu notável esforço para levar por diante a fixação da totalidade da obra, como é sabido, a morte impediu-o de ir além da primeira parte ou livro primeiro. Assim, em suma, depois de ter vindo a público em 1495, a *Vita* portuguesa conheceu apenas uma edição parcial, que se limitou à parte primeira, permanecendo por fixar as restantes três.

Apesar da assinalada restrição, não podemos, evidentemente, ignorar a utilidade do trabalho de Magne. Aliás, fizemos uso dele no decurso da realização da nossa dissertação de doutoramento, que dedicámos ao estudo do tratado português. Importa, porém, salientar também que, se considerarmos a evolução da teoria e da prática

¹ Recordamos que, se bem que as partes ou livros que integram a versão portuguesa da *Vita Christi* se apresentem como peças de um todo, foram trazidos a público com relativa autonomia e em momentos distintos. O primeiro foi impresso em 14 de agosto de 1495; o segundo em 7 de setembro do mesmo ano; o terceiro, em 20 de novembro, e o quarto livro, o primeiro a sair dos prelos, traz no cólofon a data de 14 de maio desse ano.

² Cf. Magne (I: 1957, II: 1968).

ecdóticas, de pronto concluímos que a edição do citado jesuíta está ultrapassada. De entre as limitações que apresenta, importa mencionar:

Em primeiro lugar, a escolha do texto-base. Convém lembrar, desde logo, que a tradição textual conhecida da tradução portuguesa da *Vita* é composta por duas versões, a saber, uma impressa, acima amplamente referida, que se pode ler no incunábulo de 1495, e outra manuscrita, conservada nos preciosos códices outrora pertencentes à Abadia cisterciense de Santa Maria de Alcobça³. Embora o subtítulo da obra de Magne deixe entrever que o citado editor se tenha, fundamentalmente, baseado na versão impressa, e, sempre que o incunábulo o exigisse, a tenha cotejado com os manuscritos alcobacenses, a verdade é que a leitura atenta da referida edição permite concluir que, afinal, ao contrário do que o aludido subtítulo sugere, Magne escolheu a versão manuscrita de Alcobça para base da fixação do texto que nos apresenta, optando por substituí-la, mas não sistematicamente, pela do incunábulo, nos passos em que a alcobacense sugere omissão ou erro. A par da leitura crítica fornece-nos, em formato fac-similar, a versão impressa.

Desconhecemos qual tenha sido o critério que levou o editor a optar pelo manuscrito alcobacense para base do estabelecimento crítico. Efectivamente, não apresenta qualquer razão que justifique tal preferência. Apesar disso, é bastante provável que a sua convicção –em nossa opinião, como veremos, improbable–, de que os códices alcobacenses teriam estado na origem da edição de 1495, poderá ter sido um dos factores determinantes. De qualquer modo, independentemente da razão que o induziu a escolher a versão manuscrita para texto-base da edição que se propôs realizar, entendemos que a sua posição, neste domínio, deve ser repensada, como adiante explicitaremos.

Em segundo lugar, há a apontar àquela edição excessivas intervenções no plano da grafia. É manifesta a tendência para a simplificação de consoantes geminadas, cujo valor enfático não devemos descurar, e ainda a propensão para a normalização do uso das sibilantes e da representação da nasalidade, em conformidade com a prática actual. Ora, consideramos que qualquer intervenção no plano gráfico deve ser feita com alguma cautela, a fim de não desvirtuar o sistema fonético e mesmo fonológico do texto. Aliás, não podemos ignorar que, muitas vezes, o uso gráfico também tem valor semântico.

Em terceiro, importa, por fim, assinalar a ausência de aparato crítico de variantes, instrumento que, como é por demais sabido, é indispensável em qualquer edição. A única informação de âmbito crítico de que podemos dispor, e que caberia perfeitamente num aparato, encontramos-na no final da obra, na secção 'Anotações críticas', anteposta ao glossário.

Não descuramos, evidentemente, a utilidade do conteúdo desta secção. Ela não substitui, contudo, o sempre essencial aparato de variantes. Sem este, o leitor fica impedido de acompanhar as escolhas feitas pelo editor, sejam elas relativas à lição

³ Relativamente à primeira parte ou livro primeiro da tradução, veja-se o manuscrito Alc. Lisboa, BN, 451; no que respeita à parte segunda, o Alc. Lisboa, BN, 452; por fim, quanto à quarta, veja-se o Alc. Lisboa, BN, 453. O manuscrito que, possivelmente, continha a terceira parte ou livro terceiro está desaparecido.

rejeitada, sejam à lição tomada em alternativa. Em suma, apenas a colação permanente e simultânea das duas versões existentes permite depreender quando é que Magne preferiu a versão do texto impresso à do manuscrito e vice-versa.

3. ORIENTAÇÕES DA EDIÇÃO POR NÓS PROPOSTA

3.1. Texto-base

Contrariamente à edição de Augusto Magne, que recordamos tem como principal referência o texto do manuscrito proveniente de Alcobaça, a nossa proposta baseia-se na leitura crítica do incunábulo dado a público em 1495.

São diversas as razões que orientam esta opção:

Primeiramente, importa ter presente que foi através da versão impressa que a tradução portuguesa da *Vita* obteve maior divulgação, e por isso, também é natural que tenha alcançado superior número de leitores depois de ser submetida a letra de forma.

Como segunda razão, convém lembrar que a versão impressa se encontra completa, ao passo que a dos alcobacenses apresenta omissões. Algumas delas são menos significativas, limitando-se a um ou outro capítulo, àquele ou este fólio, pelo que não levantam grandes problemas ao editor, podendo a sua falta ser suprida com auxílio do texto do incunábulo⁴. Outras são, no entanto, particularmente representativas, de que é exemplo a falta da terceira parte ou livro terceiro. Se bem que, por enquanto, a leitura crítica que nos propomos levar por diante se limite ao primeiro livro, tal não significa que a nossa proposta não venha a abranger os restantes. Sendo assim, convém que haja, desde logo, uma uniformidade quanto ao texto-base seleccionado.

Em terceiro lugar, salientamos que a colação das duas versões, por nós efectuada, permitiu-nos inferir não haver qualquer filiação directa entre o texto conservado nos manuscritos alcobacenses e o do incunábulo. O mesmo será dizer que nem os códices serviram de base à edição de 1495, nem tampouco o texto do incunábulo foi fonte do contido nos códices de Alcobaça; admitindo, claro está, quanto à última asserção, a hipótese de que a data de 1445 observada no colofon do códice que transmite a primeira parte da tradução, não nos remete para o ano da respectiva cópia, mas sim para o da tradução; hipótese que não é, aliás, fácil de comprovar.

Assim, ainda que as variantes que separam as duas versões conhecidas da tradução, isto é, a impressa e a manuscrita, não sejam, demasiado substanciais, pois no essencial há correspondência entre incunábulo e manuscritos, tais divergências impedem-nos de estabelecer relação genética directa entre o texto impresso e o dos códices de Alcobaça. Antes, é nossa opinião que derivem de um arquétipo perdido.

Por fim, como quarta razão da nossa escolha, razão que se associa estreitamente à anterior, vale a pena não esquecer que, a fazer fé nos respectivos colofões, a tradução

⁴ Como exemplo referimos os dois últimos capítulos e uma parte do antepenúltimo do segundo livro, e ainda os fólhos 168-169 do primeiro.

antes de ser dada à estampa foi revista por um tal frei, de nome André, do Convento de Xabregas, a fim de ser depurada de termos, ao tempo, já tidos como obsoletos.

Em síntese, pelas razões enunciadas, entendemos que a versão do incunábulo se revela mais conveniente para objecto central da leitura crítica que nos propomos levar a efeito.

Mas, retomando ainda a última razão mencionada, convém não levar demasiado à letra a informação veiculada pelos colofões do incunábulo, relativa à revisão preparatória feita pelo franciscano André, de Xabregas, porquanto, como temos tido ocasião de observar no decurso do nosso trabalho de fixação crítica, contrariamente ao que essa anotação faz supor, o texto impresso apresenta, não raras vezes, uma linguagem de uso mais recuado em comparação com a do manuscrito.

I ⁵	A	L
segũdo Sam Joham Crisostomo, em o Evangelho se contém a soma de toda perfeiçom da natureza <u>roçõnal</u> (pról.)	Racional	Rationabilis
quanto foi temperado em seu comer e beber; quam <u>vergonçoso</u> em.na vista (pról.)	Vegonhoso	Uerecundus
Tam grande graça he que se se nom pode dizer, que hũa de tãtas seja <u>scolheita</u> (cap. III)	Escolhida	Eligatur
E foi outrossi pregũtado ao padre por acenamento e por signal que nome lhe <u>porriam</u> . (cap. VI).	Poeriam	de nomine imponendo
Que cousa torpe fazes tu que eu olhe, que nom ajas vergonha, <u>pois que a nom hás maior de Deus que a vee?</u> (cap. IV)	Que cousa torpe fazes tu que eu oolhe, que nom ajas vergonha, <u>pois porque nom a [h] ás maior pois que a Deus vee?</u>	Cum quid turpe facis, quod me spectante ruberes, <u>cur spectante Deo, non magis ipse rubes?</u>

Os exemplos apresentados deixam presumir que a intervenção levada a cabo por frei André, de preparação do texto da *Vita*, com vista à sua publicação, não tenha sido sistemática. Efectivamente, seja quanto ao vocabulário assinalado nos quatro primeiros exemplos, seja em relação à construção comparativa citada no último, torna-se claro que o texto impresso transmite uma linguagem mais antiga.

Mas, e pese embora a ausência dessa sistematicidade, a informação acima aludida, escrita nos colofões do incunábulo, alusiva à revisão do texto para publicação, não pode ser descurada. *De facto*, é inequívoco que a versão impressa não deixa de reflectir

⁵ A sigla 'I' refere-se ao incunábulo de 1495, 'A' ao manuscrito alcobacense, 'L' ao texto latino por nós usado, 'E' à nossa proposta de leitura.

o termo de um processo de revisão da tradução, e como tal apresenta, aqui ou ali, um estádio diferenciado do da manuscrita, o que nos aconselha a tomar aquela, isto é, a impressa, como principal fonte da nossa edição.

Vejam-se, com efeito, os seguintes exemplos resultantes da colação das duas versões com o texto latino, que serve de suporte orientador da nossa leitura:

I	A	L
Aqui se começa o prologo sobre todo o livro intitulado <i>De vida de Christo</i> , scilicet, sobre todas as quatro partes. Feito per o honrrado e mui relligioso frade Ludolfo, da mui excellente ordem da Cartuxa em a mui nobre cidade de Argentina, felicemente. (pról.).	Começa.sse o prohemoio no livro da vida de cristo	om.
e deve.se recorrer ameude, onde quer que for, <u>a essa meesma vida de Christo</u> (pról.).	Aaqueel	ad illud
Em o qual stante foi todo o corpo de Christo formado, e a alma rational criada; e <u>emsenbra ou juntamento</u> hũa cousa e outra ajütada aa diuiindade em a pessoa do Filho (cap. V).	Ensembra	Simul
E següdo esse meesmo Beda, nom solamête som <u>avidos</u> por pastores os bispos e sacerdotes e reitores das igrejas e <u>mosteiros</u> mas todollos fiees. (cap. IX).	avudos ... moesteiros	nec solum ... monasteriorum pastores intelligendi sunt
Sancta Maria o trouxe no seu vètre, e o criou no regaço; e ella esposa pose.o antre as <u>tetas</u> . (pról.).	Mamas	Ubera
Onde ergo he entom a alma do martir? Certo em lugar seguro, mas certamête em a pedra e em as <u>entradanhas</u> de Jesu (pról.).	tripas	uisceribus
O espinheiro recebeo o fogo, <u>ficando verde</u> ; assi Maria concebeo filho <u>nom perdêdo a virgiindade</u> . (cap. V).	e nom perdeo a verdura ... e nom perdeo a virgiindade	et non perdidit uiriditatem ... et non amisit uirginitatem

A orientação didascálica ilustrada no primeiro exemplo, retirada do próêmio, encontra-se bastante mais desenvolvida no texto impresso. Parece evidente que essa breve anotação introdutória mais completa foi particularmente pensada com vista à divulgação, em letra de forma, da tradução portuguesa, pois transmite informações indispensáveis ao leitor que se aventura a meditar da extensa obra do cartuxano. Aliás, importa, a propósito, salientar que, mesmo a finalizar o próêmio, observa-se outra anotação, disposta à guisa de cólofon, que se encontra igualmente mais desenvolvida no texto do incunábulo, em comparação com a correspondente do alcobacense⁶. E, para concluirmos a referência a este conjunto de anotações similares à do primeiro exemplo acima transcrito, mencionamos ainda o breve trecho que introduz o capítulo I do texto impresso; trecho que é integralmente omitido no texto manuscrito⁷.

Já o segundo exemplo citado sugere que a lição do incunábulo tenha sido alterada com a finalidade de conferir maior clareza e até ênfase à mensagem. Veja-se que o imperativo à leitura da vida de Cristo, e conseqüentemente do próprio tratado, torna-se bastante mais claro e explícito com a substituição do simples pronome 'aaquel'.

E por que razão não admitir que a associação do sinónimo 'juntamento', ilustrada no passo imediatamente subsequente, talvez visasse também melhorar a inteligibilidade do discurso e, simultaneamente, a receptividade da doutrina que se pretendia fazer passar? Até porque é muito provável que o termo 'emsenbra', tão recorrente nos textos medievais, já começasse a ser menos usado ao tempo da publicação do tratado. Essa actualização da linguagem torna-se, aliás, bastante evidente nos dois exemplos seguintes, ambos retirados do capítulo IX da *Vita*.

Não menos interessantes se revelam as variantes transmitidas nos três últimos passos, pois confirmam claramente a informação contida nos colôfões do incunábulo, de que a tradução, antes de ser dada à estampa, foi revista. Tenham tais lições, transmitidas pelo texto impresso, decorrido de razões que se prendem com o estilo do autor da revisão, ou de outra causa que desconhecemos, a verdade é que, se as colacionarmos com as correspondentes do manuscrito, podemos depreender estarmos perante uma variação de linguagem evidente. Visaria essa variação o embelezamento do discurso? Até porque, cotejando o último exemplo com o texto latino, observamos que o manuscrito apresenta uma versão bastante literal, ao passo que o impresso, uma versão livre, mas nem por isso menos cuidada, como confirma o paralelismo de gerúndios.

Em síntese, os passos transcritos transmitem apenas alguns exemplos, dentre outros, que deixam supor que a tradução tenha sido sujeita a intervenções com vista à

⁶ No texto impresso lemos: *Acabase o prologo sobre todo o livro intitulado 'De Vida de Christo', scilicet, sobre todas as quatro partes; feito per ho hõrrado e mui religioso frade Ludolffo, da mui excellente Ordem da Cartuxa em Argētina. E segue-se a tavao ou as rubricas da primeira parte ou livro De Vita Christi.* Ao passo que no manuscrito proveniente de Alcobaca encontramos a simples anotação: *Explicit prologus.*

⁷ Cf.: *Começa-se o livro da Vida de Jhesu Christo, nom aquelle que se chama da mini[n]ice do Salvador, o qual he apócrifo, mas este que compos ho venerable meestre Ludolfo, prior do moesteiro mui honrrado de Argentina, da ordem mui excellente da Cartuxa. Foe tirado e ordenado segundo ha ordem da estoria evangelical e entençam dos Sanctos Doutores.*

sua divulgação. Assim, se as outras razões acima invocadas não fossem suficientes, esta por si só bastaria para nos levar a escolher o texto impresso para base da nossa edição crítica.

3.2. Apoio da versão manuscrita e importância do aparato de variantes

Impõe-se, porém, salientar que a preferência, acima justificada, pelo texto do incunábulo não se faz sem reservas, pois situações há em que é necessário recorrer, em alternativa, à versão manuscrita, a fim de suprir omissões ou erros evidentes. Com efeito, esta versão permite-nos, nalguns pontos, conjecturar a reconstituição de um eventual arquétipo.

Não podemos deixar de ilustrar algumas dessas situações, em que a versão alcobacense serve de apoio ao nosso estabelecimento crítico. Atentemos, por ora, nalguns exemplos de omissões:

I	A	L
<p>E chama.se ‘flor’ Jesu por o cõpriminto que [h]ouve de sancta conversaçom e de fremusura, por a duçura da boã fama, e opiniom de boõ odor, e por o fructo da sua paixom. Nom quis o Senhor scolher grãde cidade (cap.V).</p>	<p>E chama.sse ‘flor’ Jhesu Christo, por o comprimẽto que [h]ouve de sancta cõversaçom e de fremosura, por a doçura da boa fama ... e por o fructo da sua paxom, e por o proveito da converssaçom dos fiees. Esta flor enfloreceo na concepçom, e pareceo na nascença, e muschou.sse na paixom, mas logo tornou a reflorecer na resurreiçom. Se ergo queres colher esta flor, sigue a fremosura da sua converssaçom, preega o odor das suas obras, e assi averás o fructo da paixom. Nom quis o Senhor escolher grande cidade</p>	<p>... passionis fructum <u>et conuersationis fidelium utilitatem. Iste flos floruit in conceptione, apparuit in natiuitate, emarcuit in passione, sed reffloruit tandem in resurrectione. Si ergo uis capere istum florem, sequere decorem suae conuersationis, prædica odorem operationis, et sic habebis fructum passionis. Noluit Dominus magnam ciuitatem eligere</u></p>
<p>Responde palavra, e recebe a Palavra; dize a tua palavra e <u>recebe e envia</u> a que logo passa, e abraça aquella que sempre dura. (cap.V).</p>	<p>Responde palavra, e recebe a Pallavra; dize a tua palla-vra, e <u>recebe aquella que he digna; envia</u> a que logo passa, e abraça aquella que sempre dura.</p>	<p>Responde uerbum, et suscipe Verbum; profer tuum, et <u>suscipe diuinum: emitte</u> transitorium, et amplectere sempiternum</p>

No primeiro passo observa-se uma omissão, tantas vezes cometida, resultante de salto de igual a igual. Já quanto à omissão registada no passo subsequente, à luz de uma observação mais ligeira, poderia ser tomada como resultado de simplificação. Ora, a ser assim, teríamos que concluir ter havido descuido de quem preparou a tra-

dução para publicar, pois não atentou que o breve passo, assinalado como omissos, se insere numa sequência que está estruturada em pares dispostos paralelamente. Como tal, torna-se indispensável recuperá-lo, de acordo com a lição manuscrita do alcobacense, para completar o segundo par de elementos dessa sequência. Cremos, porém, ser mais provável que a omissão tenha decorrido de simples lapso. De qualquer modo, tenha sido esta ou outra a razão de tal omissão, como justificámos, entendemos que se impõe recuperar esse breve trecho. Ademais, ainda que com uma pequena variante, muito provavelmente, resultante da transmissão do ‘original’, o texto latino confirma a nossa opção.

A atenta colação do texto impresso com o manuscrito revela ainda outras omissões, sendo mais correntes as que resultam de salto de igual a igual, sinal, portanto, de simples lapso, e não tanto de propósito simplificador.

O texto manuscrito serve ainda de apoio às nossas escolhas nas situações em que a versão impressa transmite erros inequívocos. Para nossa surpresa estes são mais frequentes do que seria de esperar, visto tratar-se de uma obra que foi revista antes de ser levada aos prelos. Nesses casos preferimos, obviamente, a lição conservada no códice alcobacense. Vejamos alguns exemplos elucidativos:

I	A	L
<p>Esta he caminho chaão e ligeiro pera contēplar o Criador ...; a qual podem aver quaaesquer ..., e acharóm em ella boo <u>vinho</u> pera si, onde assi como tortores, ponham e scōdam seus filhos de casto amor (pról.)</p> <p>Foe envolto em <u>pnãos</u> por deslegar e desenvolver a nós dos laços da morte, e nos vistir da primeira vestidura immortal. (cap. IX).</p>	<p>Esta he caminho chaão e ligeiro pera contemprar o Criador ...; a qual podem aver quaaesquer ..., e acharóm em ella boo <u>ninho</u> pera ssi, onde assi como tortores, ponham e scondam seus filhos de casto amor</p> <p>Foi ãvolto em <u>panos</u> por desllegar e desẽvolver a nós do laço da morte, e nos vestir da primeira vestidura immortal.</p>	<p>... nidum ...</p> <p>... pannis ...</p>
<p>E per esta meesma ordenança ao reves foi feito ho repairamēto, Deus <u>mandado</u> per o angeo. (cap. V).</p> <p>As doores do corpo [<u>h</u>]avia por malditas e escômūgadas, e elle foi açoutado e atormentado; <u>temia</u> a morte, e elle foi cōdēpnado a morte; a morte da cruz <u>penssava</u> sser mui enjuriosa, e elle foi crucificado (pról.).</p>	<p>E per esta meesma ordenança aos reves foi feito o repairamento, Deus <u>mandando</u> per o angeo.</p> <p>As doores do corpo [<u>h</u>]aviam por malditas e scomungadas, e el foi açoutado e atormentado; <u>temiam</u> a morte, e el foi condenado a morte; a morte da cruz <u>penssavam</u> seer mui injuriosa, e el foi crucificado.</p>	<p>... destinante ...</p> <p>... execrabantur ... metuebant ... putabant</p>

I	A	L
<p>A quarta razom foi por dar exemplo que ainda depois dos esposoiros e ante do ajuntamento carnal podem os esposados livremente scolher <u>outras</u> melhores votos e estados sem requererem licêça (cap. III).</p> <p>‘Elle fara salvo o seu poboo dos seus peccados’, a qual cousa nom he pequena, porque nom há hi mais mizquinha subjeiçom e servidom, que servir aos peccados, e <u>este</u> he por a villeza delles. (cap. VIII).</p>	<p>A quarta razom foi por dar exemplo que ainda depois dos esposoiros, e âte do ajuntamento carnal podem os esposados livremente escolher <u>outros</u> melhores votos e estados sem requererem lecêça.</p> <p>‘Elle fara salvo seu poboo de seus peccados’, a qual cousa nom he pequena, porque nom há hi mais mezquinha sogeiçom e servidom, que servir aos peccados. E <u>esto</u> he por a villeza deles.</p>	<p>... hoc ...</p>
<p>Se quiseres saber se a tua obra he viva, scilicet, se he virtuosa, vee se he <u>sancta</u> em Deus, porque aqui se diz: «Aquello que he <u>sancto</u> em elle, vida era». (cap. I).</p>	<p>Se quiseres saber se a tua obra he viva, scilicet, se he virtuosa, vee se he <u>feita</u> em Deus, porque aqui se diz: «Aquello que he <u>feito</u> em elle, vida era».</p>	<p>... factum ... factum ...</p>
<p>Orava elle nom por filhos, porque ja desesperava delles, mas pollos peccados do poboo e por o remimento e <u>enmenda</u> do Mesias. (cap. IV).</p> <p>a qual Christo, que he fonte dos <u>virgeês</u> e poço d.agoas vivas, acostumou outorguar aos peccadores que se cheguam a elle. (pról.).</p>	<p>Orava el nom por filhos, porque ja desesperava delles, mas por os peccados do poboo e por o remimento e <u>enviada</u> do Messias.</p> <p>a qual Christo, que he fonte dos <u>virgeus</u> e poço d.augas vivas, acostomou outorgar aos peccadores que se chegam a el.</p>	<p>... aduentu ...</p> <p>... hortorum ...</p>

Nem sempre se pode depreender qual a génese das deficiências observadas no incunábulo. Múltiplas razões são prováveis. Como é sabido, bastante recorrentes nos textos impressos são os erros cometidos durante a preparação dos prelos, consubstanciados na troca de caracteres. Tal é o que verificamos nos dois primeiros passos acima transcritos. A lição correcta ‘ninho’, conservada no alcobacense, resulta, em razão da inversão do primeiro caracter, em ‘vinho’, e ‘panos’, em ‘pnãos’, devido à troca do segundo e do terceiro caracter.

Noutras circunstâncias, os erros observados no texto impresso tanto podem resultar do processo editorial, como já estar presentes no texto que serviu de base à publicação. Basta, apenas a omissão de um simples diacrítico, como acontece nos dois exemplos subsequentes, para originar deturpação da mensagem. Efectivamente, ‘man-

dado', '[h]avia', 'temia' e 'pensava', parecem apenas decorrer da omissão do til. Em qualquer dos casos, da simples omissão dessa marca de nasalidade decorre uma clara inversão do agente do discurso, menos conforme com a argumentação, pois o sujeito passa a ser singular. Daí que optemos por restituir a nasalidade, em conformidade com a lição do alcobacense.

Ocorrem ainda, com alguma frequência, faltas de concordância de género. Nos casos apresentados como ilustração, no texto impresso encontramos, erroneamente, o feminino pelo masculino e o masculino pelo neutro. Contudo, estes são apenas alguns exemplos, entre outros.

Se bem que menos frequentes, também registamos enganos motivados, simplesmente, por má interpretação de abreviatura. Tal parece ser a causa das variantes 'sancta', 'sancto', conservadas no texto impresso, em relação a 'feita', 'feito', que podemos ler no manuscrito. Nestes casos, torna-se bastante mais difícil imputar a responsabilidade das faltas. É verosímil que decorram do texto que esteve na origem da edição.

Quanto às situações ilustradas nos dois últimos fragmentos, não ocorrem menos vezes. Resultarão tais erros do texto de que se serviu o tipógrafo? Ou de má interpretação desse por parte de quem preparou os prelos? De qualquer modo, parece claro que o manuscrito alcobacense transmite uma 'lectio difficilior', deturpada no decurso da transmissão da tradução. É, portanto, evidente que, em qualquer caso, a lição do manuscrito se impõe como mais conveniente⁸.

Aliás, em todas as circunstâncias acima dispostas, não hesitámos em preferir a lição do manuscrito para suprir as imperfeições do impresso. Até porque, como se pode observar, o texto latino ratifica tais opções, o que de algum modo facilita a nossa leitura.

Ademais, quer o texto alcobacense, quer o latino, tornam-se ainda preciosos auxiliares na resolução da pontuação do texto. Basta apenas um exemplo:

I	A	L
E portanto se chama todo, scilicet, fror e fruto ..., fror na guarda dos sacrificios carnaaes, e fruto no entender dos misterios. <u>Spiritualmēte</u> <u>así</u> como na fror se denuncia e espera o fruto, assi (cap. IX).	E portanto se chama todo, scilicet, flor e fructo ... flor na guarda dos sacrificios carnaaes, e fructo no entender dos misterios <u>spiritualmente</u> . <u>Assi</u> como na flor se denuncia e spera o fructo, assi	... spirituali. Sicut ...

O exemplo aduzido é somente um entre muitos que ilustram quanto convém atentar nas variantes de pontuação que podem, mais ou menos claramente, afectar

⁸ Convém lembrar que, não raras vezes, o copista deturpa o texto que copia ao substituir, involuntariamente, uma lição, que apresenta maior grau de dificuldade, por outra banal. Por isso, de acordo com a teoria ecdótica convencional, em qualquer trabalho de fixação textual, é aconselhável preferir a lição mais difícil, isto é, a 'lectio difficilior', já que há maior probabilidade de esta representar o arquétipo. Cf. Pasquali (1988: 10-11, *passim*). Stussi (1985: 13, *passim*).

o sentido de base da tradução. Também neste caso, como aliás noutros, o manuscrito alcobacense revela-se imprescindível para melhorar a lição transmitida no impresso.

Por último, outras situações ocorrem, embora mais raramente, em que tanto o texto impresso como o manuscrito conservam lições pouco satisfatórias, porque deficientes ou mesmo erradas, que se impõe substituir por outras mais convenientes. Nesses casos, lançamos sobretudo mão do texto latino, seja para colmatar omissões, seja para emendar erros inequívocos. Sirva de modelo o fragmento em seguida transcrito:

IA	L	E
<p>E finalmente veendo elle sua entençom tam santa, o seu <u>tam casto proposito</u>, a sua <u>sperança</u> tam firme, e a sua caridade infallivel, com a vista da sua misericordia obrou acerca della que a santidade da sua entêçom nom ouvesse falha nem fosse britada a castidade do seu proposito, e que a forteleza da ffe nom fosse enfraquida, nem a firmeza da speranza movida, nem falliscesse em ella o comprimento da <u>ffe</u>. (cap. III)</p>	<p>Denique ubi tam sanctam intentionem eius, tam castum propositum eius, <u>tam firmam fidem, constantem spem</u>, et indeficientem uidit charitatem eius, eo misericordiae suæ intuitu egit circa illam, ut nec sanctitas intentionis eius frustraretur, nec castitas proposit eius uiolaretur. Ne autem firmitas fidei infirmata spei constantia titubaret, aut <u>charitatis</u> in ea plenitudo deficeret.</p>	<p>E finalmente veendo elle sua entençom tam santa, o seu <u>tam casto proposito</u>, [<u>tam fortalecida fe</u>], a sua <u>sperança</u> tam firme, e a sua caridade infallivel, com a vista da sua misericordia obrou acerca della, que a santidade da sua entêçom nom ouvesse falha, nem fosse britada a castidade do seu proposito, e que a forteleza da ffe nom fosse enfraquida, nem a firmeza da speranza movida, nem falliscesse em ella o comprimento da [<u>caridade</u>].</p>

Quanto à primeira situação assinalada, a reconstituição da falta é recomendada pelo texto latino. Mas, mesmo na eventualidade da ausência deste suporte textual, a reconstituição impor-se-ia pelo próprio contexto teológico e até estilístico. Na verdade, a referência à fé torna-se indispensável para completar a sequência das três virtudes teológicas. Além disso, esta sequência estabelece paralelismo com a seguinte, em que a fé é devidamente mencionada⁹.

No que diz respeito à segunda situação revelada ainda no mesmo fragmento, a substituição, assinalada entre parêntesis rectos, também é aconselhada, seja pelo texto latino, seja pelo próprio contexto. *De facto*, estando, como salientámos, em causa a referência às virtudes teológicas, é essencial não esquecer a caridade. Só assim fica devidamente completada a sequência. Além disso, também nesta circunstância, convém atentar no paralelismo que a referida sequência estabelece com a precedente¹⁰.

Depois dos múltiplos casos apresentados, seria escusado realçar que daremos especial atenção à constituição do aparato de variantes, de modo a que o leitor

⁹ Veja-se mais adiante no passo transcrito: *e que a forteleza da ffe nom fosse enfraquida*.

¹⁰ Considerar no mesmo passo citado: *e a sua caridade infallivel*.

possa acompanhar as soluções que vão sendo tomadas no decurso da nossa leitura. Nunca é demais salientar que, embora os manuscritos outrora pertencentes à abadia de Alcobça não tenham servido de modelo à edição de 1495, nem sirvam de base da edição que preparamos, permitem postular um arquétipo mais completo e mais perfeito que foi sendo alterado, involuntária ou voluntariamente, no decurso da transmissão da tradução da *Vita*. É claro que a distância que separa a variante involuntária da voluntária nem sempre é facilmente apreendida, tornando-se mesmo imperceptível, o que dificulta sobejamente o trabalho de um editor. Todavia, neste domínio, talvez possamos reduzir a nossa leitura crítica a duas orientações complementares, a saber, por um lado, à demanda, não raras vezes conjectural, da lição primordial que possa ter sido modificada em razão de intervenções involuntárias, e, por outra parte, ao respeito pelas intervenções voluntárias que visaram preparar a tradução para esta ser levada aos prelos, como no-lo informam os colofões do precioso incunábulo.

3.3. Critérios de fixação gráfica

Finalmente, não poderíamos terminar sem fazer referência aos critérios de fixação gráfica. Quanto a este aspecto, tão essencial, consideramos que a edição deva ser moderadamente conservadora, de modo a perpetuar o compromisso, sempre indispensável em qualquer trabalho do género, entre o respeito filológico pelo texto-base, por um lado, e a necessidade de o tornar acessível ao potencial leitor, por outra parte. Assim, preservamos tudo quanto for possível, quer variações gráficas, quer lexicais. Como é bem sabido, o sistema gráfico de um testemunho é reflexo dos hábitos não somente formais, mas também fonéticos da época a que esse testemunho pertence. E isso apropria-se tanto a textos manuscritos, como impressos. Assim, entendemos que as intervenções no sentido da uniformização devem ser raras, e as emendas limitadas aos erros evidentes e de correcção inequívoca. Caso a lição documentada não resulte imediatamente compreensível, registamos em nota de aparato a correspondente forma moderna.

Procuramos, com este critério, alcançar diversos tipos de leitores, sejam eles linguistas e filólogos, a quem interessa sobretudo a vertente mais conservadora de um texto, sejam eles literatos ou teólogos, que não descurando essa vertente mais arqueológica de uma obra, a encaram principalmente como veículo de uma mensagem, que importa, por isso, tornar acessível.

4. CONCLUSÃO

Embora o estabelecimento crítico da tradução portuguesa da *Vita Christi*, que temos entre mãos vise, por enquanto, apenas o livro primeiro, esperamos, deste modo, dar começo à recuperação de uma das majestosas obras da espiritualidade medieval. E fazemo-lo com plena consciência de que qualquer trabalho similar jamais é definitivo; pelo contrário, é sempre susceptível de revisão e de novas interpretações. Por isso, com tal empreendimento, procuramos somente contribuir para abrir caminhos a posteriores leituras.

5. BIBLIOGRAFIA

5.1. Fontes

Magne, Augusto S. J. (ed.): *O Livro de Vita Christi em lingoagem português. Edição fac-similar e crítica do incunábulo de 1495, cotejado com os apógrafos*, Rio de Janeiro, I, 1957 e II, 1968.

O Livro de Vita Christi, Lisboa, Valentim Fernandes e Nicolau de Saxónia, 1495 (Lisboa, BN, INC 553-554 e INC. 566-567).

Rigollot, L. M. (ed.): *Ludolphus de Saxónia – Vita Jesu Christi ex euangelio et approbatis ab Ecclesia Catholica Doctoribus sedule collecta*, Paris-Roma, 1870, 4 vols.

Vita Christi [Livro primeiro], Ms. Lisboa, BN, Alc. 451.

Idem [Livro segundo], Ms. Lisboa, BN, Alc. 452.

Idem [Livro quarto], Ms. Lisboa, BN, Alc. 453.

5.2. Estudos

Pasquali, Giorgio: *Storia della tradizione e critica del testo*, Florença, Casa Editrice Le Lettere, 1988.

Stussi, Alfredo: *La critica del testo*, Bolonia, Il Mulino, 1985.